



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

SABERES E FAZERES DO BRINCAR COM CRIANÇAS

PEQUENAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE FERNANDES DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2014

SABERES E FAZERES DO BRINCAR COM CRIANÇAS
PEQUENAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE FERNANDES DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2014

SABERES E FAZERES DO BRINCAR COM CRIANÇAS
PEQUENAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE FERNANDES DA SILVA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Adriana Maria de Assumpção

Escola de Educação – LIPEAD

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e principalmente a minha mãe, por ser um exemplo de garra e bondade. Por estar sempre ao meu lado, me apoiar, cuidar e amar como ninguém. Por ser boa mãe, amiga, mulher, esposa, filha, avó... Por ser exatamente do jeitinho que ela é, divertida, animada, algumas vezes dramática. Te amo minha corquinha!

AGRADECIMENTOS

Ao maior responsável por todas as coisas na minha vida, desde meu nascimento até aqui, Deus.

Ao apoio incansável do meu namorado, estimulando sempre para que eu cresça e alcance cada vez mais meus objetivos.

À minha querida mãe, que sempre confiou e acreditou em mim, está sempre ao meu lado apoiando, auxiliando e puxando a orelha quando necessário.

Ao meu pai, por todo patrocínio (ajudando a custear algumas provas para concurso e alguns gastos com cópias) e confiança, por acreditar em nosso potencial (meu e do meu irmão).

À minha tia Ana Lúcia que me ensinou as primeiras palavras, que sempre muito carinhosa, me ajudava e continua ajudando a trilhar caminhos com maior segurança.

Ao meu irmão por ser um verdadeiro exemplo para mim, por ser um super-herói, um super-irmão, um super-pai, um super-amigo...

Às minhas queridas amigas, que graças a UNIRIO, tive o prazer de conhecer e torná-las pessoas essenciais para a minha vida, Camilla, Gabrielle e Mariane.

Ao meu orientador, o professor Márcio da Costa Berbat, que com todo carinho e paciência do mundo me ajudou e guiou na criação desse trabalho.

A professora Adriana Maria de Assumpção, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

ALINE FERNANDES DA SILVA. **SABERES E FAZERES DO BRINCAR COM CRIANÇAS PEQUENAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Brasil, 2014, 39 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da brincadeira para o desenvolvimento do aprendizado na Educação Infantil. A partir de experiências dentro da escola e de um resgate bibliográfico sobre o brincar na infância. Tendo a docência como base para interpretar as crianças em seus espaços de troca, aprendizado e de alegria, nesse sentido, buscamos pensar a importância das brincadeiras com as crianças pequenas no espaço escolar. Usamos como referência alguns autores, como Sonia Kramer, Jader Lopes, Patrícia Corsino, entre outros. Nessa aventura de escrever sobre e a partir da experiência docente, trabalhamos com as narrativas, tomando como autor principal o Elizeu Clementino de Souza. Dialogamos com práticas pedagógicas encontradas nas escolas do Rio de Janeiro e do cotidiano de formação de professores, crianças e suas famílias.

Palavras-chave: brincar; escola; família.

INDICE DE SIGLAS

CEJK – Colégio Estadual Júlia Kubitschek

DBLP - Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ES – Espírito Santo

RN – Rio Grande do Norte

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

INDICE DE FOTOS

Foto 01 – Brinquedos Fixos em Área da Escola _____	34
Foto 02 – Área aberta com Brinquedos Móveis _____	34
Foto 03 – Área com Brinquedos Fixos _____	35
Foto 04 – Brinquedos Móveis em Área Fechada da Escola _____	35
Foto 05 – Corredor de Acesso as Salas – Amarelo _____	36
Foto 06 – Corredor de Acesso as Salas e Área Externa da Escola – Verde _____	36
Foto 07 – Corredor de Acesso as Salas, Bebedouros e Banheiros – Azul _____	37
Foto 08 – Corredor de Acesso as Salas, Bebedouro e Área Externa – Laranja _____	37
Foto 09 – Corredor de Acesso as Salas, Bebedouro e Banheiros – Roxo _____	38
Foto 10 – Quadra de Esportes Coberta _____	38
Foto 11 – Corredor de Acesso as Salas e Bebedouro – Vermelho _____	39
Foto 12 – Brinquedos Fixos em Área Fechada na Escola _____	39

ANEXO A: Fotos dos Espaços destinados aos momentos livres e brincadeiras na escola

ANEXO B: Infraestrutura da Escola

Sumário

Resumo	07
Introdução	12
Capítulo 1: A Relevância do Encontro	
1.1: Construindo Caminhos Narrativos	13
Capítulo 2: Repensando o Brincar na Educação Infantil	
2.1: O Brincar na DCNEI	19
2.2: A Brincadeira na Educação Infantil	21
2.3: Concepções do Brincar para a Família e as Implicações na Educação Infantil	22
Capítulo 3: Diálogos com a Escola	
3.1: O Início da Escola	25
3.2: Estrutura	25
3.3: O Projeto Político Pedagógico	27
3.4: Práticas Pedagógicas do Brincar na Escola	28
Considerações Finais	30
Referências Bibliográficas	32
Anexo A	34
Anexo B	36

Introdução

O que é a brincadeira na Educação Infantil? Como ela é vista pelos educadores e pela família? Há relação entre o brincar e a aprendizagem? Essas e outras questões serão discutidas no trabalho a seguir, a partir de experiências vividas em uma escola localizada na zona norte do estado do Rio de Janeiro e de estudos sobre infância, direito da criança e o brincar na educação infantil.

No primeiro capítulo faço um trabalho de resgate de memórias da minha própria infância, como era a brincadeira, como entrei na educação e a minha visão sobre a mesma. A brincadeira é como uma necessidade fisiológica da criança, ela necessita assim como escovar os dentes, dormir pelos menos 10 horas ao dia, alimentar-se, tomar banho, entre outros, também precisa brincar.

Veremos que a brincadeira livre não é apenas um momento de passatempo, não é importante apenas para gastar energia ou para que o professor consiga um tempo para “relaxar”. A brincadeira vai muito além da forma genérica que muitos veem.

No capítulo dois com a contribuição das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil e de autores como Sonia Kramer, Vidal Didonet, Patrícia Corsino, Ângela Borba, Jader Lopes, Christiane Sawaya, entre outros mostrarem que além de necessário é direito das crianças brincar. A importância desse momento na infância e como a brincadeira na escola é vista pela família.

E por fim o terceiro capítulo traz a minha experiência na escola, estrutura e localização, um pouco da história da escola na qual esse trabalho foi desenvolvido e as práticas pedagógicas do brincar na Educação Infantil. Ao final acrescento, em anexo, algumas fotos dos espaços da escola, com a intenção de enriquecer a ideia gerada a partir deste trabalho.

Capítulo 1: A Relevância do Encontro

1.1: Construindo Caminhos Narrativos

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autoreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas (SOUZA, 2011, p. 2013).

Ser professor. O que representaria o professor atualmente? O que sabemos sobre esses professores, que estão diariamente lidando diretamente com a formação do sujeito, criando e recriando opiniões, aprendendo com seus “erros e acertos”, dividindo, trocando... Certa vez, em uma rede social, publiquei o seguinte texto:

Professor é aquele que não deixa a sua criança interior morrer jamais! Que é mágico, médico, bruxa, princesa, sapo... Que tem mil e uma faces. Aquele que provoca na criança o desejo por mais, por querer conhecer mais, por querer brincar mais, se divertir mais, rir mais... Também é aquele que cuida que dá aquele colinho especial, procura entender cada lágrima, sofre junto, que senta no chão, deita, rola... Enfim... Cada vez mais orgulhosa da minha profissão, da minha formação e de ter como companheiros de vida pessoas tão especiais como essas. Vivendo e aprendendo sempre. Tristes são aqueles que passam um dia inteiro sem dar uma boa risada. Sem receber um abraço tão inocente, um elogio tão sincero. Nós somos realmente pessoas muito privilegiadas nessa vida. Deus nos deu o melhor presente do mundo, as crianças. Feliz Dia dos Professores! (15 de outubro de 2013 - Facebook)

A partir daí comecei a repensar minha trajetória, como me tornei professora? O que me inspirou? Acredito que tudo tenha começado na própria infância. Nos momentos de imitação, de repetição das atitudes dos adultos. Na própria brincadeira.

Utilizando a referência teórica de Elizeu de Souza no sentido da noção de território como confluência de múltiplos espaços narrativos, que se vinculam às relações sociais, políticas, materiais e simbólicas, vividas pelos sujeitos em suas trajetórias de vida-formação

(SOUZA, 2011, p. 213), o texto toma forma de lembranças e experiências formativas para no geral contribuir na investigação do se fazer criança na educação infantil.

Respeitando o contexto de canários distribuídos ao longo do tempo e espaço, a brincadeira estava repleta de significados, porém, jamais vistos por ninguém ou pelo menos com a possibilidade de diálogo. O dia era longo, contudo as horas passavam rápidas naquelas escadas do prédio 109. A brincadeira não podia ser outra, se não imitar a professora.

Não frequentei o jardim de infância, na verdade, minha mãe bem que tentou me colocar lá, porém o meu medo era maior, aquele espaço daquela escola pública, não era pra mim. Aquelas paredes escuras aquela sala apertada e aquele portão. Ah! Aquele portão! Lembro como se fosse hoje os meus choros naquela grade esperando o retorno da minha mãe. Não houve adaptação, não houve estímulo que fizesse com que eu ficasse ali, até que então minha mãe decidiu por eu não frequentar o jardim de infância.

Ficava em casa. Com minha tia, enquanto minha mãe trabalhava. Minha tia, que era toda atenção. Tanto com a alimentação quanto com a educação. “- Essa menina não pode ficar sem estudar!”. Sem estudos, sem vivência em escola nenhuma, minha tia passou a me ensinar a escrever, as cores e tudo mais que vimos nos jardins de infância. Os passeios no Campo de Santana eram de matar de orgulho Freinet e seus discípulos. Explicação sobre as árvores frutíferas, sobre aqueles pequenos animais ali presentes, lições de moral sobre abandono e muito mais.

O tempo foi passando e essa minha tia querida, precisava retomar seus estudos, concluir o ensino fundamental e procurar um emprego, para que então contribuísse com as contas da casa, pois não éramos de família rica, meus pais vieram de cidade do interior do Espírito Santo (ES) e do Rio Grande do Norte (RN), para conseguirem uma vida melhor aqui, conheceram-se, casaram-se e tiveram dois lindos filhos, meu irmão mais velho Jonathan e eu. Aos poucos toda família foi vindo para o Rio de Janeiro, inclusive essa minha tia.

Era hora de mais uma tentativa de entrar na escola, só que dessa vez essa tarefa foi

fácil, tranquila. Aquela menina já não era mais a mesma do jardim de infância, cheia de si, cheia de aprendizados para compartilhar com os outros, a ida para a escola nunca foi tão desejada, queria espalhar para todos o que sabia o que havia aprendido de forma tão doce e delicada.

Cheguei à primeira série do Ensino Fundamental, a escola era municipal, Azevedo do Sodré. Lá era um sonho, salas iluminadas por largas janelas e muito espaçosas, um jardim na entrada, não podia ser mais atrativa. A professora? Um amor! Tia Ana Amélia, como esquecer a primeira professora? Foi ai então que tudo começou.

O dia passava rápido e por incrível que pareça as tardes eram cópias inocentes daquelas manhãs, minha mãe havia comprado um quadro negro pra mim, então ali naquele prédio eu virava as tardes, se deixasse viraria as noites também, já que nessa época ficava com meu irmão em casa, ele quatro anos mais velho, não queria saber de brincar comigo, estava na fase dos vídeos games, enquanto eu estava lá naquelas escadas aplicando provas, repreendendo, lançando conteúdos, para os meus pares de alunos, que se sentavam em cada degrau da escada com uma folhinha de caderno rabiscada.

Na hora do recreio deles, era hora da correção daquelas folhinhas. Tudo, exatamente igual à rotina de qualquer professor. Como aprendi isso? Sinceramente, não sei. Porém era tão bom. Que eu queria sempre mais. Queria que todos fossem meus alunos, queria ensinar tudo a todos. Tudo que via ao meu redor virava aula. Os anos foram passando, mudei de escola, comecei a brincar mais com as crianças da minha faixa etária, a brincadeira sozinha havia perdido cerca de 50% do meu dia. Brincar sozinha era legal, mas melhor ainda era brincar junto com minhas amigas, as idas para casa delas, as brincadeiras de boneca, representações do nosso cotidiano.

De repente, precisei crescer, não podia mais me dar ao “luxo” de brincar, já estava na 5ª série do Ensino Fundamental, não tinha uma professora só para mim, eram vários, um para cada matéria e matérias... muitas matérias, conteúdos, trabalhos, obrigações, as brincadeiras foram diminuindo, assim como o desenho e o lúdico.

Concluindo o Ensino Fundamental, veio a grande dúvida. Para qual escola irei?

Afinal a Escola Municipal Mário Cláudio só ia até a 8ª série (9º ano). Tínhamos que sair. Eu não queria, pois os meus melhores amigos foram construídos dentro daquele espaço, nem todos queriam ir para a mesma escola depois dali. Foi então que nós, meninas, nos juntamos e decidimos ir para a mesma escola, fizemos ali mesmo, naquela sala a votação, sem interferência de nenhum adulto. Só nós.

Decidimos em ir para o Colégio Estadual Júlia Kubitschek (CEJK). Por quê? Ah! O uniforme era uma gracinha! Conseguimos! Cerca de 80% de nós, meninas daquela turma, entrou no Júlia. Sim, Júlia Kubitschek, uma escola de formação de professores. Eu acredito muito em destino, acredito que nada é por acaso, assim como não foi por acaso o meu ingresso nessa escola.

Lá aprendi quase tudo que sei hoje sobre educação, muitas vezes mais na prática do que na teoria, os estágios ajudavam muito nisso. Eu que já não pensava mais em ser professora, não dava “aulas” mais para ninguém, estava ali de frente para aquela realidade, a da sala de aula. Não foi difícil me integrar, não foi difícil aprender no Júlia. Estagiei em escolas particulares e escolas municipais, vivi de frente a realidades bem distintas e formas de educar bem diferentes.

Entretanto, o desejo por educar não estava mais tão acessível, acredito que por falta de incentivo da família. “- Ser professora? Para quê? Não ganha bem, não tem valor na sociedade. Vá estudar mais, ser uma médica, advogada.”. Porém, dentro de mim, o desejo de ajudar o próximo era maior, prestei vestibular para Letras, Psicologia, Serviço Social e por último a licenciatura em pedagogia, somente porque na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) não havia nenhuma dessas outras opções de curso, então tentei a pedagogia mesmo. Passei em todas, porém com uma média muito baixa na classificação geral. Ganhei uma bolsa de 100% para fazer o curso de Serviço Social em uma faculdade particular, aceitei.

Estudar somente não estava sendo o suficiente para mim, nunca foi! Sempre estudei e trabalhei, ora com meu pai, ajudando-o a vender os pasteis na feira, ou nos estágios remunerados que conseguia nas escolas particulares.

Foi então que recebi o convite para trabalhar em uma escola, como auxiliar de turma. Aceitei. Lá na escola, eu retomei ao mundo mágico da educação, pessoas que viam prazer em educar, em estar em sala de aula, ou no pátio, em fazer parte daquela instituição. O que despertou, novamente, o prazer pela educação. Não queria mais ser assistente social.

As aulas na faculdade já não tinham mais graça, queria prestar vestibular de novo, porém dessa vez, seria somente para pedagogia. Queria me especializar, saber mais, ser diferente em qualquer espaço escolar, fazer a diferença na vida de qualquer criança.

Inscrevi-me, pela primeira vez, em um curso preparatório para o vestibular. Eu queria muito passar em pedagogia, lá todos se espantavam quando perguntavam para que curso eu prestasse vestibular. “Pedagogia! Sério?! Poxa, para isso não precisa vestibular, porque você não faz outra coisa!”. Só que desta vez, eu estava determinada, mais certa do que tudo que havia feito até ali. Saía do trabalho, ia para o pré-vestibular e a noite para a faculdade de Serviço Social, até que um belo dia recebo uma ligação, era da UNIRIO. “Olá Aline, você pode comparecer a Universidade com seus documentos, pois você foi selecionada para o curso de pedagogia da UNIRIO!”.

Eu nem acreditei, pois já nem lembrava mais daquele vestibular que havia feito, já não acompanhava mais as seleções. Pulei, chorei, sorri, quase gritei na rua de felicidade. Fui correndo para casa, esse dia nem fui à faculdade. Contei tão contente, para minha família, acho que minha felicidade os contagiou, que dessa vez todos ficaram felizes também. Não via a hora de frequentar a UNIRIO. De saber mais sobre educação, de viver mais de perto novas práticas.

A universidade correspondeu, exatamente, as minhas expectativas, li muito, conheci professores inesquecíveis, compartilhei e ouvi relatos da vida escolar, estagiei em espaços maravilhosos, como uma escola de educação para jovens e adultos, tive aulas na praia, vi novas formas de educar, sai do quadrado da sala de aula, entendi melhor a leitura de mundo, mexi meu corpo, me entristeci com a realidade de muitas colegas das redes públicas e redes particulares também... Cada relato me ajudava em sala de aula, me ajudava a ser melhor, a não querer reproduzir o mesmo, a querer mudar a reação dos meus alunos.

Enquanto aprendia e desaprendia na UNIRIO, também aprendia e desaprendia na escola. Entrei em junho de 2008 e estou lá até o presente momento. Passei por todas as séries iniciais, trabalhei com todos os tipos de professores possíveis, os que realmente pensam em fazer a diferença na vida do aluno, aqueles acomodados que não veem a hora de sair dali, de se aposentar e não trabalhar com educação nunca mais na vida. Lidei também com todo tipo de família.

Aqueles que acreditam fortemente na educação, quem confiam no professor e em sua atuação, que trabalham junto com a escola para o bem do aluno, também aqueles que acreditam que a escola é responsável pela educação de seus filhos em todos os quesitos, da educação moral e social, acreditam que a educação apenas dentro da escola basta, é suficiente, se ausentam desse papel, aqueles que procuram uma escola na educação infantil, questionando se essa sim prepara para o vestibular, se desde o início a escola tem formas de preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aqueles que não acreditam no lúdico, no grande significado da brincadeira para as crianças, que veem o brincar como perda de tempo.

Capítulo 2: Repensando o Brincar na Educação Infantil

2.1: O Brincar na DCNEI

A partir dessa inquietação, iniciei a investigação em estudos que pudessem embasar e solidificar o meu pensamento sobre o brincar na educação infantil. O primeiro deles foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que têm como proposta pedagógica a valorização de princípios muito importantes para a educação, são eles princípios éticos, políticos e estéticos.

De acordo com o DCNEI, o princípio Estético é responsável pela valorização e estímulo *da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais*. (DCNEI, Princípio 4, p. 16). O professor que passa o dia inteiro em sala de aula, preso a livros e apostilas, preocupados com provas e exercícios, infelizmente, não abre espaço para este princípio. Acredito que para que a criança consiga encontrar formas de se expressar com sensibilidade e criatividade é preciso sair um pouco do formato (exercícios/provas/livros) e permiti-las viverem mais outras formas de aprender.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, observei este item:

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (DCNEI, 2010, p. 17).

A criança da Educação Infantil só consegue construir essa subjetividade quando está em contato direto com o outro, é a partir das vivências com o outro que a criança começa a relacionar suas opiniões com os acontecimentos vividos, tornando a criança um ser social e ao mesmo tempo capaz de ressignificar o que aprendeu.

A concepção de criança na contemporaneidade desenvolveu uma nova linha de comportamento, na qual ao mesmo tempo em que se diferencia dos séculos anteriores, se

aproxima em algumas características, mas é preciso analisar os aspectos sociais, culturais e políticos em que a criança está inserida. Porém, não é possível desconsiderar que as crianças são sujeitos sociais e históricos produtores de cultura e detentores de direitos, que marcam e são marcadas pela sociedade (KRAMER, 2000).

Através das brincadeiras, o professor bem orientado e atuante em sala de aula ou em qualquer outro espaço escolar consegue romper relações de dominação, no qual pode se dar entre professor/aluno e aluno/aluno, estar presente na brincadeira da criança, não é somente observar o brincar, é também entrar nesse horizonte em que a criança se encontra e procurar vive-lo junto com a turma, este ato já construirá na cabeça da criança outras formas de pensar o adulto. Eles mesmos se espantam quando isso ocorre, muitos chegam a falar “isso é brincadeira de criança!”. Pois, infelizmente, não vivem as brincadeiras ao lado de adultos, que por muitas vezes estão preocupados com milhares de outras coisas, menos o brincar da criança.

A noção de infância não é uma categoria natural, mas sim histórica e cultural. A diferenciação entre crianças e adultos vai depender do contexto e das condições socio-históricas e culturais em que vivem. Numa perspectiva histórica sobre a infância na Europa, os estudos de Philippe Aries (1986) no seu livro *História Social da Criança e da Família*, revelaram que a ideia de infância, no sentido de diferenciação do adulto, é uma construção da modernidade, começando a surgir nos finais do século XVII, nas camadas superiores da sociedade, e se sedimentando no século XVIII (CORSINO, 2008, p. 14).

Neste sentido, os conhecidos postulados sobre a infância ser uma construção social e plural, reverberam no entendimento de sua dimensão espacial, pois as infâncias passam a ser lugares destinados às crianças e que se materializam em formas de paisagens nas diferentes sociedades (LOPES, 2013, 291).

Para finalizar a observação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), vimos que a brincadeira é um eixo norteador do currículo, ou seja, para essas crianças os diversos conhecimentos devem vir a partir do brincar que promove a interação com o grupo.

2.2: A Brincadeira na Educação Infantil

Atualmente há uma crescente preocupação em sensibilizar os educadores para a importância do brincar tanto em situações formais quanto em informais. Através de estudos sobre alguns pensadores da educação no Brasil, pude perceber que a brincadeira é definida como a linguagem infantil que vincula o simbólico e a realidade imediata da criança. Ou seja, brincando a criança particulariza o que está aprendendo, muitas vezes através de conteúdos didáticos, com atitudes no brincar.

Em todo momento, quando me refiro ao brincar na educação infantil, estou me referindo às brincadeiras livres ou direcionadas, sem que haja o uso de jogos, algo que particularmente, inibem o jogo simbólico, o processo de criação e a criatividade da criança. Diferentemente, dos jogos, a brincadeira deve ser algo em que a criança seja capaz de criar momentos em que ela seja a “peça” principal e não o jogo, em nenhum momento, desvalorizando-o, porém sabendo separá-los. Há de se ter momentos em que eles se unem e formam o brincar e há momentos em que o brincar não se prende a determinados jogos, somente a imaginação da criança.

Pensando nisso, separei alguns autores que mencionados no artigo Brincar e educação: Concepções e possibilidades, que expressam fortemente a minha opinião em relação ao brincar, são eles Moyles, Ortega, Rosseti e Veale, citados abaixo:

Moyles (2002) apresenta uma visão de brincar, relacionada mais aos aspectos educativos. A autora entende esta atividade como um processo que ajuda a criança a confiar em si mesma e em suas capacidades para interagir socialmente com outras crianças e/ou com os adultos. Já Ortega e Rosseti (2000) colocam que o uso do brincar permite a articulação entre os processos de ensino e da educação e exige uma postura ativa por parte do educando, que articula o ensino e a aprendizagem em um único movimento. Assim, a inserção do brincar livre, espontâneo, no currículo educacional e, conseqüentemente, nos projetos pedagógicos das instituições educativas, é um processo de transformação política e social em que crianças são vistas pelos educadores como cidadãs, isto é, cada uma como sujeito histórico e sociopolítico, que participa e transforma a realidade em que vive. [...] Veale (2001), investigando o lugar do brincar nos programas contemporâneos de educação infantil, notou que nas práticas educativas não há tempo para desenvolver um aprendizado pelo brincar, já que o processo de escolarização e a preparação para a vida devem ser feitos com rapidez (CARVALHOS; COLS. 2008, p.218).

Visto a importância do brincar para esses autores, enfatizo que a escola de educação infantil é obrigada a proporcionar para seus alunos, momentos diários do brincar, para que haja, de fato, um desenvolvimento completo desse indivíduo. No entanto, nem todas as escolas no país tem essa visão.

Em algumas, os próprios professores, aqueles que deveriam usar e abusar com propósitos completamente justificáveis dessa atividade, não o fazem, proporcionam as crianças esses momentos somente na sobra de algum tempo, na "falta do que fazer". O que é pior, não participa desses momentos com a criança. Não observam esse brincar e tiram proveito, talvez, de alguma situação ali presente.

2.3: Concepções do Brincar para a Família e as Implicações na Educação Infantil

Contudo, ao lidar com o brincar na escola, entramos em outra discussão, o olhar não somente de educadores como também da família, que por sua vez não entende a importância desse ato na infância.

Além disso, seguramente todos já ouvimos que vivemos numa “sociedade de informação”. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de “sociedade do conhecimento” ou até mesmo de “sociedade de aprendizagem”. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. E não deixa de ser interessante também que as velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um look liberal democrático. Independentemente de que seja urgente problematizar esse discurso que se está instalando sem crítica, a cada dia mais profundamente, e que pensa a sociedade como um mecanismo de processamento de informação, o que eu quero apontar aqui é que uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível (BONDIA, 2002, p. 3).

O brincar nesse caso nada mais é do que o ato de experimentar a informação, muito comum na educação o excesso de informação, entretanto vimos que o espaço para a experiência esta cada vez menor, ora por falta de tempo e muitas vezes pela desvalorização da sociedade para esses momentos. Vivemos em uma sociedade em que o saber é mais válido do que o experimentar. Engano daqueles que acham que o saber esta dissociado da experimentação. Experimentar na educação infantil torna o objeto de estudo, plenamente vivo algo real para as crianças.

A importância do brincar esta totalmente ligada ao fato de experimentar quantidades através da comparação no tanque de areia, de experimentar as formas geométricas em uma brincadeira na casa de bonecas ou uma amarelinha, a lateralidade, o domínio corporal, a conviver com o diferente, com o novo, com o outro, aceitação e exposição de opiniões, criação de novas opiniões, aquelas que só se dão através da experimentação. Isso, infelizmente, muitas vezes não é visto por todos, não é querido pela sociedade em geral.

Transformando assim, esse ato de brincar em uma forma popular e comum, de perda de tempo, de brincar para passar o tempo ou pior o brincar interligado meramente a transmissão de conteúdos. Em um de seus trabalhos Ângela Borba relata expressamente ao que me refiro neste momento sobre o brincar: *"Brinca-se para brincar! No momento em que o pedagogo tenta controlar a brincadeira para atingir resultados esperados, desfaz-se o encantamento"* (BORBA, 2005, p.50).

É neste encantamento que as crianças demonstram muito de sua personalidade, de sua cultura e aprende, mesmo que indiretamente, a lidar com o outro e conviver em sociedade. Os jogos simbólicos estão sempre presentes na brincadeira das crianças, através da imaginação são criados diversos personagens, diversas formas de brincar, de se expressar e de interpretar. São verdadeiros atores, representando seus pais, cozinheiros, empregados, professores, através do faz de conta.

Fica cada vez mais claro que o espaço para a brincadeira além de obrigatório por lei, deve ser cuidadosamente bem orientado. O brincar livremente, como vimos, desenvolve na criança habilidades, que dificilmente uma criança que não desfrutem desses momentos teriam. Quais vivências poderiam ter crianças que vivem presas em seus apartamentos,

imersas em novas tecnologias, jogos digitais e brincadeiras cada vez mais individuais, enfatizando é claro, não que o brincar sozinho não nos diga nada. Sabe-se que a criança, inicialmente, experimenta o brincar sozinha, somente depois ela se “abre” para o outro. Porém, o que quero dizer, é que toda essa era tecnológica pré-fabricada, exige cada vez menos do imaginário da criança, conseqüentemente da interação social.

Hoje, as brincadeiras se submetem crescentemente à lógica da produção e do consumo: brinquedos, espaços e lugares instituídos para a brincadeira, parques temáticos, programas de TV, filmes, indústria de alimentos, roupas, móveis e artefatos se entrelaçam, ditando modelos de conduta que tomam o lugar da brincadeira como experiência humana e da infância (BORBA, 2005, p. 47).

O que enquanto adultos nós sentimos mais falta da nossa infância? Com certeza sua resposta será as brincadeiras. Então porque privar nossas crianças de um momento único e maravilhoso como este? Por que tornar essa fase mais um momento repleto de responsabilidades e preparatório para o futuro? Agora, se perguntarmos para uma criança o que ela mais gosta de fazer, sua resposta com certeza também estará relacionado ao brincar.

Capítulo 3: Diálogos com a Escola

3.1: O Início da Escola

Com a intenção de criar uma escola nova, diferente das “tradicionais”, “inovadora”, que associe conhecimento à criatividade, aprender e pensar em 1973 criou-se a escola XYZ¹. O eixo principal era a crença de que o mundo poderia ser transformado, melhorado a cada geração.

Através do legado mais valioso da humanidade, a educação. Sua fundadora inicia a escola com apenas 56 alunos de maternal e jardim, na zona norte do Rio de Janeiro. O tempo foi passando e em 1990 a escola necessitou mudar de endereço, pois o número de alunos já não era mais aquele do começo, a escola havia crescido com isso a necessidade de expandir o seu ensino, que passou a ser até antiga 4ª série do Ensino Fundamental (atual 5º ano).

Em 1998, foi o ano de criação de outro segmento da educação para a escola, o Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, que ficava localizado em um outro prédio. A partir de 2009, a escola criou uma filial em outro ponto do Rio de Janeiro, a zona oeste, mantendo a proposta inicial de ensino.

3.2: Estrutura

Essa escola mostra-se preocupada com a sustentabilidade e o meio ambiente, o prédio da zona oeste trabalha com boa parte de sua energia gerada através da energia solar, este prédio abriga toda a educação infantil, ensinos fundamentais 1 e 2, esse projeto arquitetônico traduz, já em sua essência, o sentido da proposta educacional: do uso de madeira certificada à iluminação natural das salas, da fazendinha e horta agregadas ao espaço educacional à descarga em dois níveis para economia de água, do piso ecológico fabricado com borracha reciclada à total acessibilidade através de rampas, da captação de

¹ XYZ é um nome fictício. A escola não é “identificada” por motivos de autorização e ética na pesquisa acadêmica.

energia solar para aquecimento da piscina ao tobogã que leva os alunos ao recreio.

Já nas escolas da zona norte, que são três, há uma separação de prédios, um para Educação Infantil e Ensino Fundamental 1, outro para o Ensino Fundamental 2 e outro somente para o Ensino Médio.

Após esta introdução sobre a proposta de estrutura geral da escola, irei destrinchar um pouco mais sobre o prédio da Educação Infantil e Ensino Fundamental 1. Este prédio é todo na vertical, localizado em um bairro residencial da zona norte, quando houve a necessidade de crescer, não havia espaço para crescer na horizontal, ou seja, para os lados. O prédio foi crescendo para cima, à medida que foram construídos mais andares e consequentemente mais salas por andar.

Pensando pelo lado de adaptação do espaço a escola não está apta para receber um aluno com necessidades especiais físicas, por exemplo, um cadeirante. Pois não há rampas entre os andares, somente escadas.

Outro problema é o da falta de espaço livre, ou seja, como a escola foi crescendo para na vertical e a preocupação sempre foi o número de alunos e conforto dos mesmos, a cada crescimento aumentava-se o número de salas. Com isso os espaços ao ar livre, resumem-se em apenas duas áreas a céu aberto. Nesse espaço há uma casinha, um brinquedão com escorrega e ponte de madeira e um tanque de areia.

Todas as salas são compostas por um quadro interativo, retroprojeter, ar condicionado, banheiro e mesas, a diferença é que na educação infantil as mesas são quadradas e grandes, abrigando pequenos grupos de até oito alunos por mesa. Já para o Ensino Fundamental são carteiras individuais.

As turmas têm capacidade para até 25 alunos, são três mesas quadradas e grandes por sala de educação infantil, o espaço na sala então não é tão grande, de maneira em que as crianças possam movimentar-se tão tranquilamente. Para atividades em roda é sempre necessário o afastamento das mesas para que aumente o espaço para o movimento amplo do corpo.

Há também o Espaço Gastronômico, onde as crianças podem realizar atividades de culinária, o Laboratório de Ciências, a sala de Artes e Música, o Laboratório de Novas Tecnologias, o refeitório, um pátio e o espaço da Motrix (espaço no qual as crianças brincam em materiais de espuma, estimulando ao máximo o corpo). Todos os andares são bem coloridos, uma cor para cada andar.

3.3: O Projeto Político Pedagógico

A escola tem como missão incentivar no aluno atitudes para que aprenda a transformar simples informação em conhecimento e estimulá-lo a construir e a usufruir de seu espaço no mundo de forma inteligente, criativa e sustentável. E visam valores de amizade, respeito, saber, integridade, inovação, excelência, trabalho, relacionamento. Preocupam-se em fazer com que o aluno entenda o quanto cada um de nós pode e deve contribuir para a mudança de atitudes, a promoção de novos valores e o estímulo de práticas que possam melhorar o mundo a nossa volta.

A curiosidade natural das crianças é à base de seu método de ensino. Se tem uma coisa que todos nós, seres humanos, temos em comum é a curiosidade. Ninguém precisa explicar para uma criança que o mundo à sua volta é um lugar fascinante. Em maior ou menor grau, por um assunto ou por outro, todo mundo sempre acaba querendo saber o porquê de alguma coisa. Com o estímulo correto, toda criança sempre quer saber mais e mais.

Sabendo que é muito mais fácil ensinar algo que ele queira aprender do que impor-lhe os conhecimentos por obrigação, por mais em que seu projeto político pedagógico cite que a educação infantil consiste de vivências, sabe-se que a escola segue alguns conteúdos programáticos que através de projetos bimestrais são realizadas atividades de matemática, linguagem, música, sociedade e natureza.

Há uma preocupação da escola e tornar cada momento uma possibilidade de aprendizado. Uma brincadeira, uma conversa, uma imagem, enfim, tudo pode ser o ponto de partida para a vontade de saber mais. Uma proposta pedagógica realmente brilhante nas

mãos de quem sabe fazer e que se preocupa em passar realmente esses valores.

3.4: Práticas Pedagógicas do Brincar na Escola

Relatos de professores e visitas a diferentes espaços de Educação Infantil nos fazem constatar que é comum a brincadeira ser posta à margem das interações dos adultos com as crianças. Elas são condenadas, muitas vezes, a permanecer grande parte do tempo sentada, a fazer “trabalhinhos” ou “atividades” que, supostamente, as preparariam para a vida escolar futura, como: colorir, copiar, associar figuras, cobrir traçados de formas e letras etc (BORBA, 2005, p. 43).

Sabemos que o cérebro humano necessita de estímulos para que aja aprendizado. Quanto mais variedades de estímulos ele recebe maior será a possibilidade de aquisição daquele conhecimento específico ou outros conhecimentos no geral, ou seja, limitar o espaço de aprendizagem da criança, impede que ela descubra novas formas de organizar seu pensamento e transformá-lo em conhecimento. Isto acontece com todos os seres humanos, independentemente da faixa etária.

A criança que recebe estímulos variados durante a vida está mais propensa a desenvolver-se melhor cognitivamente, emocionalmente, socialmente que aquelas que não recebem. Portanto, pensar que o conhecimento só pode ser adquirido em sala de aula ou através de trabalhos e/ou atividades, por muitas vezes, exaustivas para a criança, não trazem benefícios ao seu desenvolvimento.

Durante as brincadeiras a criança experimenta, por diversas vezes, o que aprende. Este aprendizado não está diretamente relacionado a conteúdos escolares, faz também relação com o que a criança aprende culturalmente, em sua família, em seu grupo social... Segundo alguns cientistas, o brincar também auxilia no desenvolvimento humano. Quando pequena, a criança apresenta pouco desenvolvimento das funções mentais, como por exemplo, atenção, a memória interpretativa, a linguagem, abstração, entre outras. Portanto, a brincadeira auxilia também no desenvolvimento dessas questões, a partir da interação e socialização, permitindo o fortalecimento da razão e emoção.

Relacionando com a experiência vivida na escola XYZ, observo que há uma preocupação, enquanto projeto político pedagógico, com essas questões, porém, quando se trata de pôr em prática, poucas vezes são reproduzidas cópias fidedignas desse projeto. Ora por adequação ao tempo, neste caso, adequar o tempo de atividades exigidas pela escola com o tempo cronológico do dia. Ora, por desconhecimento de alguns professores do projeto pedagógico da escola e de estudos sobre a importância do brincar.

Em toda Educação Infantil há, no mínimo, 30 minutos disponibilizados pela coordenação no horário do professor para a brincadeira, dentro de espaços próprios para o brincar, como por exemplo o pátio e o brinquedão, Durante esses momentos as crianças, geralmente, criam brincadeiras dentro da casinha de bonecas, correm para lá e para cá imitando super-heróis, brincam no tanque de areia, pintam com o pincel d'água na parede, escorregam pelo escorregador, entre outras brincadeiras livres.

O pátio fica destinados as crianças maiores, o Ensino Fundamental 1, lá eles criam brincadeiras, muitas delas são as mesmas que fazíamos na nossa infância, como por exemplo, pique pega, menina pega menino, policia e ladrão, jogam bola, pulam corda, brincam de totó, o tempo para eles, na maioria das vezes é sempre após o lanche, o famoso recreio.

Já para Educação Infantil há uma grade de horários, em que de acordo com as atividades do dia são disponibilizados esses 30 minutos citados acima, em que as crianças podem brincar livremente. A grade de horário do Maternal é mais flexível, no qual a professora pode usar de mais tempo para as brincadeiras no brinquedão. Já a Pré Escola, das 4 horas e 30 minutos vividas na escola, apenas 30 minutos são para o brincar oficial. Quero dizer que, alguns professores cientes da necessidade e da importância desse momento na infância, adequam a grade de horários para que elas consigam mais momentos para brincar.

Considerações Finais

Jardim de Infância, Maternal, Pré-escola, essas três palavras poderiam remeter, juntas, a uma coisa, a Educação Infantil, em termos mais antigos e mais atuais. Porém, pensar essas três palavras separadamente, me levaram a essa conclusão.

O que pensamos de um jardim, quando avistamos um jardim? Sempre algo muito florido e bonito, cheio de vida, se por acaso, víssemos um jardim com flores mortas, sem cor, sem vida, não ficaríamos tão felizes, essa memória não seria tão agradável em nossas mentes. Agora a palavra “Maternal”, de acordo com o dicionário Aurélio: *Maternal: adj. Próprio, natural de uma mãe: ternura maternal; compreensão maternal. // Casa maternal, estabelecimento público ou particular em que são recolhidas crianças pobres ou mães necessitadas. // Escola, ou curso maternal, estabelecimento de ensino para crianças com menos de cinco anos.* Segundo o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (DBLP) do O Globo: *Maternal: adj. 2 gên. Relativo a mãe; próprio de mãe; afetuoso; carinhoso.*

E por fim, a palavra pré-escola, aquilo que antecipa a escola, poderíamos pensar em algo que prepare para a escola. Ainda buscando significados das palavras fui atrás do significado da palavra escola, encontrei DBLP do O Globo o seguinte significado: *Escola (ó), s, f. Casa ou estabelecimento, onde, se recebe ensino de ciências, letras ou artes; conjunto de professores e alunos desse estabelecimento, método e estilo de um autor ou artista; processo feito pelos grandes mestres; doutrina de algum filósofo ou homem celebre; sistema; seita; (fig.) aprendizagem; experiência; exemplo (Do lat. Schola.).*

Se unirmos esses três significados, veríamos, basicamente, que a Educação Infantil nada mais é do que um lugar que deve ser vivo, colorido, um espaço onde deve haver carinho, amor e por sua vez, algo que antecipa o período escolar, não obrigatoriamente precisa ser igual a esse período.

O brincar não é uma característica infantil, mas do ser humano. A fantasia, a imaginação são fundamentais, mas não específicas ou exclusivas da criança, assim como o real também não o é (LEITE 1997, p.81 apud SILVA 2010, p.82).

Então, por que nós, enquanto educadores, não procuramos proporcionar as nossas crianças mais momentos como estes? Porque não pensar uma escola de Educação Infantil voltada, de fato para a criança? Sem essa preocupação precoce da formação para o futuro, sem procurar engessar formas de aprendizado. Se nós enquanto adulto reclamamos, por muitas vezes, da nossa vida cheia de responsabilidades e compromissos, para que repassá-los para as nossas crianças?

Referências Bibliográficas

BORBA, A. M. Culturas da Infância nos espaços-tempo do brincar. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

_____. Brincar é coisa séria e de adulto também! O valor da brincadeira na vida e nos espaços de Educação Infantil. Livro Educação Infantil – Editora Brasil, 2008.

BONDIA, L. J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha, jan/abril, 2002.

CARVALHO, A. M; ALVES, M. M. F; GOMES, P. L. D. Brincar na Educação Infantil: Ceneções e Possibilidades. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n.2, p. 217-226, mai/ago. 2005.

CORSINO, P. (Org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas: Autores associados, 2012.

_____. Pensando a Infância e o Direito do Brincar. In: Salto para o Futuro – Jogos e Brincadeiras: desafios e descobertas. Ano XVIII, Boletim 07, maio, 2008.

DCNEI. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Acesso em 8 de maio de 2014.
<http://www.dicionariodoaurelio.com/>

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA – O Globo. Editora Globo S. A. São Paulo, Sp. Brasil.1993.

DIDONET, V. Creche: a que veio... para onde vai... Em Aberto. Educação Infantil: a creche um bom começo. Brasília, v. 18, julho de 2001.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

KRAMER, S. Leitura e experiência: notas sobre o seu papel na formação. In: Edwiges Zaccur. (Org.). A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KRAMER, S. (Org.) Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.

LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. (Org.) O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis, Rio de Janeiro: Rovelte, 2009.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. Revista Educação Pública Cuiabá, v.22, n.49/1, p. 283-294, maio/ago, 2013.

PASSEGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.) (Auto) biografia: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008.

POLETTO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 67- 75, jan./abr. 2005.

PORTO, C. L. Brincadeira ou Atividade Lúdica. Salto para o Futuro. Jogos e Brincadeiras: desafios e descobertas. Ano XVIII, p. 33-47, boletim 07 – maio de 2008.

_____. Proposta Pedagógica. Salto para o Futuro. Jogos e Brincadeiras: desafios e descobertas. Ano XVIII, p. 03-11, boletim 07 – maio de 2008.

SAWAYA, M. F. C. O brincar e a afetividade pedagógica de professores de educação infantil. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, E. C. Territórios das Escritas do Eu: pensar a profissão – narrar a vida. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.

SILVA, M. A. O brincar no contexto escolar: Significados das brincadeiras realizadas em aulas de educação física e no recreio, Campinas, 2010.

ANEXO A: Espaços Destinados aos Momentos Livres e de Brincadeira



Foto 01 – Brinquedos Fixos em Área da Escola



Foto 02 – Área aberta com Brinquedos Móveis



Foto 03 – Área com Brinquedos Fixos



Foto 04 – Brinquedos Móveis em Área Fechada da Escola

ANEXO B – Infraestrutura nos Espaços da Escola



Foto 05 – Corredor de Acesso as Salas - Amarelo



Foto 06 – Corredor de Acesso as Salas e Área Externa da Escola - Verde



Foto 07 – Corredor de Acesso as Salas, Bebedouros e Banheiros - Azul



Foto 08 – Corredor de Acesso as Salas, Bebedouro e Área Externa - Laranja



Foto 09 – Corredor de Acesso as Salas, Bebedouro e Banheiros - Roxo



Foto 10 – Quadra de Esportes Coberta



Foto 11 – Corredor de Acesso as Salas e Bebedouro - Vermelho



Foto 12 – Brinquedos Fixos em Área Fechada na Escola